

Aventuras de Calorinho (sem calorzinho) nas Terras Altas do Equador

(sub-título: *Cosa más linda!*)

Rio cristalino
nos bosques de cardos,
lágrimas
dos peixes de ouro,
pranto, oh pranto,
sobre os precipícios.
(poema Quíchua¹)

Este fragmento de um poema dos índios Quíchua fala da natureza e sua contemplação mas, simultaneamente e a par, de sentimentos profundamente humanos. É belíssimo, quase lembra um *haiku* japonês, tal a força e simplicidade das metáforas usadas pelo/a poeta. Pois desta vez, sim, estive na terra dos índios Quíchua, outrora invadidos pelos Incas, vindos do Perú.

Quase sem ter tempo de pousar a mala da minha ida a Angola, voei a 13 de fevereiro para as terras das montanhas altas do Equador, rumo à cidade de Quito, para um Programa de Formação do Graal de que fazia parte da equipa responsável pela formação. Vários países representados: México, Brasil, Paraguai, Honduras, Equador e EU. Angola esteve como país observador. Quito fica a cerca de 2.800m de altitude. Tive dores de cabeça nos primeiros dias, situação resolvida à força de reбуçados e chá de... coca.



Começo por dizer que vai ser difícil escolher o que escreverei nesta crónica, tantas foram as experiências novas que vivi, tantas as impressões, sensações, cores, sons, imagens, cheiros que ainda habitam os meus sentidos e me dilatam o coração. Vou tentar ir por partes: se bem se lembram o claramente sul-americano país apelidado de Equador fica na costa do Pacífico Central e é amplamente conhecido por causa do célebre arquipélago das ilhas Galápagos, consideradas um “santuário” ecológico. Não estive por essas bandas: Estive por Quito, a capital (quer dizer: “quí” –centro e

¹ Versão de Herberto Hélder in: *Rosa dos Ventos – 2001 poemas para o futuro*. Lx: Assírio e Alvim.

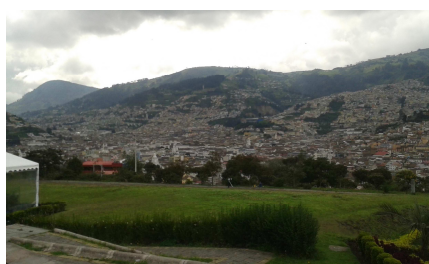
“to” – terra, segundo o povo Quíchua), que fica nas montanhas andinas, bem longe da costa. Mas, sim, fui ao conhecido parque dos arredores de Quito, apelidado de “La Mitad del Mundo”, a 00º 00’ 00”, conforme a rigorosa fotografia que se mostra,



com clima bem diferente daquilo a que chamamos climas equatoriais. Dizem os equatorianos que Quito tem as quatro estações do ano no mesmo dia. Pude comprovar a veracidade desta opinião. Ia vestindo ou despindo camadas de roupa conforme fazia frio – especialmente nos começos e finais do dia – ou calor, às horas em que o dia estava mais desperto. A chuva abundante vinha de repente e partia logo, depois de bem regados os campos e as montanhas. Tudo verde, então. Muitas e magníficas rosas nos jardins ou em estufas montanha acima. O microclima torna fecundo o seu cultivo. Além da exportação de café, cacau e petróleo, o Equador é um país exportador de... rosas. **Cosa más linda!** Lembrem o poema de Mário Césariny:

«Tudo está eternamente escrito (Spinosa)
Tudo está eternamente em Quito. Uma Rosa. »

Quito é uma cidade monumental (cerca de 3 milhões de habitantes!) esparramada num planalto rodeado de montanhas – algumas com neves eternas por todos os lados e clima temperado: na zona norte, uma cidade moderna trepando pelos montes acima, onde reside a população mais afluente e pululam as multinacionais; na zona sul, trepando também pelas montanhas acima, vivem os que não têm posses para mais – casas baixas, algumas sem água canalizada, reduzidas ao essencial, tal como em povoações rurais; parte central é constituída pelo Quito histórico, elevado



a património mundial da UNESCO. Este centro histórico é povoado de edifícios e, sobretudo, igrejas do tempo colonial – século XVI em diante -, museus em edifícios históricos, ruas estreitas carregadas de tráfico e comércio bem local e antigo. Um sem fim de vendedores ambulantes provenientes da zona sul da cidade, quase todos indígenas. Muitos turistas.



Para além da célebre Igreja da “Companhia” (Companhia de Jesus), uma das igrejas mais sumptuosas da América Latina no seu intrincado barroco doirado, visitei o museu onde estão guardadas peças inigualáveis de arte Pré-Colombiana. A Casa del Alabado (Casa de “Louvor ao Santíssimo”), instalada no antigo convento de S. Francisco (séc. XVI), desenrola-se em torno de um grande pátio e está organizada segundo os “mundos” de práticas religiosas milenárias e da cosmo-visão ameríndia constituindo um todo harmonioso e organizado segundo três níveis sobrepostos: o infra-mundo das trevas, com os antepassados, os mortos e outros poderosos espíritos associados à morte e à fertilidade; o mundo do meio– habitado pelos seres humanos, incluindo também plantas e animais –; e o mundo espiritual dos “chamáns”, os mestres espirituais que faziam a ligação entre os homens e os deuses e espíritos. A continuidade da vida “dependia do fluxo constante das forças vitais através dos ditos mundos”². Esta interessante e harmónica cosmo-visão perpassa ainda hoje o povo equatoriano, manifestando-se num profundo amor pela natureza e o cosmos, com consequências no estilo de vida, na forma de se alimentar, nas preocupações ecológicas, etc. O respeito pelas culturas ameríndias dos antepassados alimenta o seu modo de ser e viver e, especificamente, a sua espiritualidade tão ligada à terra e aos rituais andinos. As peças dispostas nas vitrines do museu ilustram esta cosmo-visão, e têm poder em si mesmas, com o peso dado à figura feminina e correspondente fecundidade, ao mundo masculino ligado ao poder e à guerra, à harmonia da terra como “modus vivendi”, à prevalência de figuras antropomórficas.



² In: Guia do Museu do Alabado”



(esta figurinha é uma das primeiras representações femininas da cultura pre-colombiana)

Encontrei aqui “fundamento” para a importância que dou aos objetos que me rodeiam nesta casa de onde escrevo mais uma crônica: são muitas coisas a passear pela extremidade das estantes, pelas paredes ou nos armários e cômodas. “Coisas” sem grande valor, aparentemente. Mas todas têm um significado e uma história: uma pessoa de quem gosto e que se lembrou de mim, lembrança de uma viagem, um adeus, a memória de um poema, uma ida à praia ou ao mar... Para mim todos têm um significado para além do que são à vista desarmada.

O Programa de Formação realizou-se nos arredores de Quito na área suburbana chamada Cumbaya, bem longe da confusão da cidade. Entre as múltiplas atividades do programa fomos sendo alimentadas pelas irmãs que nos receberam com comidas tipicamente tropicais e sofisticados legumes e frutas da região. Cada refeição uma surpresa. Os batidos de frutas ao pequeno almoço tornavam o acordar mais saboroso. Não tem explicação!



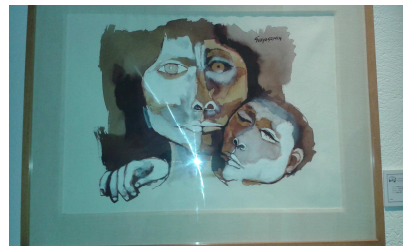
Éramos cerca de 25, muitas e variadas, com experiências e modos de vida bem diversificados, caminhos espirituais distintos. Duas coisas nos uniam: a busca de Deus e o caminho da justiça e da qualidade de vida para todas e todos. Duas eram pastoras protestantes.

No interior da branca igreja paroquial de San Pedro, no meio de frescos antigos e lindíssimos descobri, nas deambulações que fomos fazendo antes de iniciar o Programa, uma estátua encantadora da “Vírgen de la Dulce Espera”:



": **máslinda!** **Cosa más linda!**

Fui ainda a outros museus dos quais destaco a Casa-Museu Guayasimin, o maior pintor do Equador (1919–1999): algumas pinturas quase surrealistas, muitas figuras de mãe e seu filho (Guayasimin tinha profunda gratidão pela mãe, que entendeu a sua vocação de artista plástico, ao contrário do pai), pinturas



colossais de denúncia do holocausto, das perseguições e torturas no Chile pós Salvador Allende, do possível assassinato de Pablo Neruda, da tortura e assassinato de Víctor Jara, da pobreza injusta dos ameríndios (“la Edad de la Ira”). Comprometido com a transformação social, a sua “Capilla del Ombre” é um monumento à natureza humana com toda a sua beleza e horror. Pelas paredes, entre as pinturas e algumas esculturas, espriavam-se frases e considerações do pintor: “Mi arte es una forma de oración, al mismo tiempo que de grito... y la más alta consecuencia del amor y la soledad”... ou... “Yo lloré porque no tenía zapatos, hasta que vi un niño que no tenía pies”. Outros quadros com os títulos: “Pietà” (uma Pietá expressando bem as dores das mulheres andinas); “Niños muertos”; “Niña llorando”; “Madre de la India”. Poderoso e bellissimo mas confrangedor. Saí de coração apertado. Nem tudo é belo por estas bandas...

Estivemos ainda numa associação que acolhe mulheres que são refugiadas dos 45 anos de guerra que ainda duram na Colômbia. Explicaram que os acordos de paz (feitos ao nível das cúpulas políticas) não são seguros e podem gerar ainda mais violência. O Equador é o país que as acolhe, mas a fragilidade da sua situação é grande. Vendem suco de coco na rua ou fazem trabalhos artesanais à espera de uma

legalização que demora a vir. Mas nisto como noutras coisas o Equador dá lições à velhinha Europa: abre suas portas aos refugiados e ajuda como pode. Enquanto algumas mulheres nos apresentavam a sua situação surpreendi duas, uma a fazer trancinhas na outra. Fica a fotografia. ***Cosa más linda!***



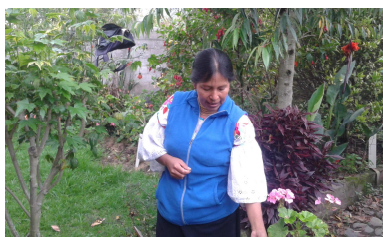
No final do programa de formação em que estive envolvida um pequeno grupo ficou mais uns dias para fazer uma “peregrinação” – no seu sentido literal! – às aldeias dos indígenas Quíchua perto da cidade de Otavalo, a norte de Quito. Otavalo, uma festa, com o seu mercado de artesanato colorido, buliçoso, pleno de criatividade.



Uma paragem junto ao lago Cuicocha, a 4.800 m de altitude. Não entendo bem os microclimas do Equador, mas não estava assim tanto frio...



Perto de Otavalo nova povoação: Cotacachi, um centro urbano com 43 comunidades indígenas. Começámos por visitar um centro comunitário de mulheres que se dedica ao apoio a mulheres maltratadas através da produção de artesanato que lhes garanta a sua auto-subsistência. Antes parámos para ir buscar Inés acompanhada dos seus filhos. Inés é uma das líderes comunitárias que, além das suas múltiplas tarefas (família, bordados e atividades de serviço àquele centro comunitário específico), cultivava um jardim de plantas aromáticas e/ou medicinais. Todas as plantas estavam identificadas e foi-nos indicando a cura de alguns “males” através de remédios naturais cujo segredo atribuí aos seus antepassados. Este centro comunitário foi líder na construção das primeiras latrinas para a população e responsável por uma “guardería” para as crianças-



Tal como tínhamos combinado distribuímos-nos por três famílias que se dedicam ao turismo comunitário.

Fiquei com Maria Digna, uma mulher indígena e sua família. De voz pausada e calma descreveu como tinham concorrido a um programa de uma fundação espanhola que apoia famílias indígenas que, assegurando um conjunto de condições mínimas, queiram receber turistas “alternativos” interessados no seu modo de viver. Digna vestia-se permanentemente com os trajes típicos dos indígenas: saias “envelope” compridas de cor escura e barra beije, e blusas artisticamente bordadas por si (arte que ensinou às filhas). Os colares de múltiplas voltas ao redor da garganta chamam-se *gualca* e são o símbolo da mulher andina, “a que chama a si o sol”: indicam a sua força e poder e, quanto mais idosa é a mulher, mais voltas tem o colar. Antes eram de ouro, claro!



Além de cuidar da sua horta numa agricultura de subsistência, Digna trabalha a dias numa família em Cotacachi, trata da casa e família (incluindo duas netas) e assegura a recepção dos turistas preparando-lhes dormida e refeições (pequeno almoço e jantar). As filhas vão apoiando e o marido, fá-lo quando pode. Estava nesses dias a trabalhar de jardineiro em Quito, mal o vimos, mas foi ele que fez os arranjos todos da casa onde pernoitámos duas noites. Sempre de chapéu na cabeça e trança pelas costas abaixo era muito carinhoso com a mulher e as filhas. Assim, tudo foi contradizendo os estereótipos que pudésemos ter referentemente às famílias indígenas. Entre eles falavam “quíchua”, a língua indígena, absolutamente hermética para o conjunto de mortais como nós.

As refeições eram agradavelmente saudáveis e leves – o frango comia-se em dias especiais e era... do campo – com muitas leguminosas, fruta variada e exótica, com sabores requintados e tudo apresentado de forma bela, com requinte estético e harmonia. Eis alguns nomes de frutos, variados e sonantes: taxo, chilucan, manga, papaia, pera abacate, goiaba, maracujá, banana verde, pepino (que aqui não é legume mas fruto), “collada” de mirtilo.



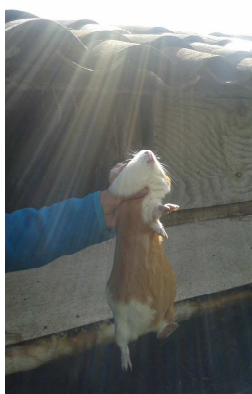
Da minha especial preferência era o “tomate del árbol”: o fruto vermelho que vêm acima e de que dou pormenor em baixo. Fazem-se sumos batidos e espessos de cor alaranjada e sabor requintado e, para mim, desconhecido. Uma verdadeira delícia.



Conversei muito com a Digna. Sobre a sua cultura, o trabalho, a festa, planos para o futuro das filhas (duas delas a fazer estudos universitários), a entreajudada naquela comunidade. São católicos mas conservam as suas tradições ancestrais numa síntese harmoniosa. Lá fomos conversando enquanto lavávamos a loiça ou eu a acompanhava na cozinha. Sem querer idealizar a sua vida apeteceu-me ficar mais tempo naquele silêncio soalheiro (tivemos dois dias magníficos!), preguiçar por uns

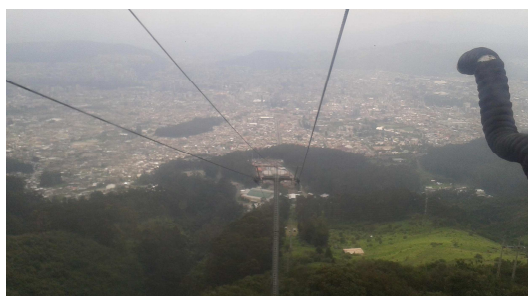
dias, ajudar na horta, ligar-me à terra verde, cuidar dos animais, - escrevendo, lendo, trabalhando ou... olhando para nada e para tudo.

Com Digna – que nome mais belo para aquela mulher com tanta dignidade! – reconheci os animais sagrados que correspondem ao nosso porquinho da Índia e são venerados pelos indígenas e apenas comidos ritualmente uma vez por ano. Esta fotografia é o meu orgulho porque, graças aos raios de sol, dei um tom “sagrado” àqueles animaizinhos:



Neste sobe e desce, estive ainda no monte Pululahua, num parque florestal. Pululahua quer dizer: *onde se fazem as nuvens*. E sim, viam-se as nuvens a subirem com rapidez convergindo umas com as outras. Estes indígenas dão nome a tudo porque tudo tem um significado para além do nome imediato. Passei ainda pelo lago San Raphael (que apelidam Uaicopungo). Descemos perto da margem e tomamos café junto ao lago de uma paz infinita.

Na véspera de partir, o teleférico de Quito transportou-me a 4.000m de altitude, sobre a enorme cidade esparramada pelas serras acima, elevando-se na cordilheira dos Andes. Lá no alto uma grande névoa, mas intuía-se o mistério da montanha profundamente verde. Uma florzinha campestre amarela a emergir entre rochedos e terra escura vulcânica. ***Cosa más linda!***



Dou muitos pormenores desta estadia e muito mais teria para contar. Mas creio poder afirmar que fui entendendo as raízes culturais deste país, a ligação entre a vida e a arte de hoje e a tradição pre-colombiana, a dignidade do povo andino, sua afectividade e sentido de hospitalidade. Um povo solene, digno, bonito, nada subserviente. Tem-me vindo à mente o termo “qualidade de vida” (para todos) em contraposição a “desenvolvimento”...

Como de costume, depois de esgotar a literatura que levava comigo, comprei um livro de um escritor local, Javier Vásconez, “El Viajero de Praga”, grande parte dele passado numa aldeia andina. Muito interessante. E cito:

“Como habita un mundo que no es suyo, carece de vínculos y obligaciones que lo comprometan de antemano. En consecuencia, puede actuar con la libertad de quien está ahí por excepción y es solidario sin prejuicio alguno, como sólo puede serlo un viajero. Su desarraigo no proviene de la falta de adecuación a las costumbres locales, sino de la forma en que preserva una mirada voluntariamente alterna, oblicua, ideal para observar con diferencia”³.

A Antropologia Cultural e Simbólica, de que gosto tanto e que estudei, não encontraria melhor definição para a experiência que vivi.



³ Vásconez, Javier (2015/1996). *El Viajero de Praga*. Ecuador/Colombia: Debolsillo.

Então, até à próxima viagem!

Ticha ou Calorinho (com calor qb, desta vez...).



PS – desculpem o tamanho das fotografias. Foi difícil escolher as que iam acompanhar o texto e, para que coubessem, tive de lhes reduzir o tamanho para não “pesarem” demais no processo de envio. Mas se deslocarem a crónica para o vosso ambiente de trabalho podem clicar nelas e aumentar o seu tamanho. T.